

O patrício e o plebeu

Moacyr Werneck de Castro *

Tudo é possível neste país de hoje, mesmo Fernando Collor de Mello chegar à Presidência da República. Tudo é possível, mesmo Fernando Collor, se eleito ser impedido, pela pressão popular, de fazer o governo catastrófico que muitos prevêem.

Tudo é possível, mesmo Luís Inácio Lula da Silva ser eleito, e vir a fazer, com o respaldo de uma grande frente democrática, o governo progressista que dele é justo esperar, pela sua biografia e pelas forças sociais que representa.

A opção colocada diante do eleitorado se configura com inexcedível clareza. Não se trata de um mero choque de legendas, direita versus esquerda. Estão frente a frente o patrício e o plebeu. O rico e o pobre. O milhão e o tostão. O candidato das classes privilegiadas e o candidato dos despossuídos.

Claro que a riqueza — mesmo a dos que, como dizia Beaumarchais antes da Revolução Francesa, apenas se deram ao trabalho de nascer — não é, em si, nenhum estigma infamante. Há quem enriqueceu trabalhando, parabéns pela boa sorte. O infame, no Brasil, é sustentar a monstruosa concentração de riqueza que aí está.

Fernando Collor, do berço de ouro aos ganhos obtidos sem suar a camisa, é um membro e representante nato do patrício brasileiro. Enquanto que Lula, o líder plebeu, é a expressão vigorosa e autêntica das grandes massas de povo, dos trabalhadores à classe média, que aspiram a uma sociedade menos injusta.

Este o grande confronto que está equacionado na eleição de 17 de dezembro. Confronto que, para fortuna nossa (vide o contraste em El Salvador, à direita no poder, a institucionalização do massacre, dos Esquadrões da Morte que matam pobres e padres), não será decidido pela força e pela violência, mas pelo voto livre dos cidadãos.

Para efeito de alarmismo na metrópole (deu há menos de uma semana no *New York Times*); ainda está valendo a declaração do homem da Fiesp, que anteviu a fuga de 800 mil empresários brasileiros, se Lula ganhar a eleição. Segunda-feira passada, ele e os seus acólitos anunciam, em samba de uma nota só, que vão votar em Fernando Collor.

Disse Mário Amato que os homens da Fiesp escolheram esse candidato, mas não vão dar dinheiro para a campanha dele. Rir, rir, rir! Nesse ponto, confesso estar, por uma vez na vida, de pleno acordo com o senador Roberto Campos, que previu: "A campanha do Collor no segundo turno vai ter mais dinheiro do que o Banco Central" (*Folha de S. Paulo*, 17/11/1989). E de onde vem o dinheiro?

O susto, o medo, o pânico irracional abre generosamente os corações da bolsa desses que Mário de Andrade (referindo-se aos exatos congêneres da década de 40) chamava os "donos da vida". Os de cá

e os de fora. Vai ser uma inundação, ninguém se iluda.

Mas o curso da campanha pode reverter a expectativa deles, fazendo ver aos mais lúcidos que será até sábio não procurar deter a marcha da História — coisa afinal tão absurda, em imagens do mesmo Mário de Andrade, quanto "desviar uma enchente, apagar um incêndio dum mato ou parar um raio com a mão".

Bem sei, todos sabem, que a grana viva é de superior valia numa eleição. Mas nem sempre é ela quem decide. Tem havido casos...

A força principal da propaganda, do *marketing* político-eleitoral — propelida a ouro e a dólar, este vindo direto em veredinhas do Federal Reserve Bank, ou dos cofres de bancos privados americanos e suíços —, vai tentar vender ao povão a imagem do moço fidalgo Collor travestido de socialdemocrata "moderno", aberto aos ventos da renovação. O surrado caçador de marajás vai também afivelar a máscara de justiciero e paternalista, de bom menino, amigo dos pobres. É uma meta traçada com frio cinismo.

Não vamos cair na ingenuidade de supor que a farsa não conseguirá iludir milhões de pessoas, como iludiu no primeiro turno. Mas agora as perspectivas são outras. Dificilmente o recitador de slogans é frases feitas conseguirá fugir ao debate na televisão; e, se fugir, estará igualmente desmascarado. O resultado final pode surpreender "realistas" e "pragmáticos", que só acreditam, por vício estrutural, no poder do dinheiro.

Acredito que o confronto dos dois candidatos o filhinho de pai, criado em berço de ouro, e o menino pobre de Garanhuns, retirante que veio para o Sul Maravilha ser operário e líder sindical — arrastará para Lula a votação da maioria dos eleitores deste país.

Não se trata de um confronto de luta de classes, acirrado ao vermelho vivo, que seria efetivamente um risco sério no Brasil de hoje. Risco de incêndio num pãoi onde se acumula a palha seca das contradições sociais, da vida cada vez mais dura, da inflação absolutamente insuportável.

Não. O que se coloca é a possibilidade de uma solução pacífica, pelo voto, para uma situação de tensões extremas, próximas a explodir.

Lula, a meu juízo, encarna essa possibilidade, por uma série de circunstâncias. A começar por sua aguda, extraordinária inteligência política. E pela compreensão que revela do seu papel no atual momento histórico.

Depende muito das forças políticas, dos líderes e dos partidos que vierem agora a apoiar Lula a dosagem certa de um programa de coalizão e o equilíbrio necessário para neutralizar certo estardalhaço mitingueiro das correntes mais radicais — aliás minoritárias — abrigadas na legenda da Frente Brasil Popular.

Quem vai concorrer agora não é um partido isolado, é uma coalizão, vale repetir a palavra. E essa coalizão pode ganhar, embora a tarefa seja imensa.